

# O PENSAMENTO E O PENSADOR – APONTAMENTOS A PARTIR DA VISÃO DE GILLES DELEUZE

*The thought and the thinker – notes from Gilles Deleuze's view*

Antonio Baptista Gonçalves\*

---

**Resumo:** O que é o pensamento? Qual a sua origem? Qual a relação com o pensador? Será que possuímos elementos suficientes para responder a essas indagações? É com base em um processo composto por indagações que iremos analisar a relação do pensamento com o pensador e para tanto traremos e nos basearemos na visão de Gilles Deleuze.

**Palavras-chave:** Pensamento. Plano de Imanência. Gilles Deleuze.

**Abstract:** What is thought? What is its origin? What is the relationship with the thinker? Will we have enough information to answer these questions? It is based on a process composed of questions that we will examine the relationship between thought and the thinker and for that we bring and will base ourselves in the sight of Gilles Deleuze.

**Keywords:** Thinking. Plane of Immanence. Gilles Deleuze.

---

---

\* Doutor em Filosofia do Direito pela Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Contato: antonio@antoniogoncalves.com

## Introdução

O artigo em tela tem por objetivo analisar o pensamento. De início iremos apresentar o que vem a ser o pensamento, uma singela conceituação e, posteriormente sua relação com o movimento.

Transcorrido esse momento preliminar iremos nos ater ao cerne de nossa preocupação: a relação do pensamento com o pensador. Inicialmente pode parecer uma relação indissociável, porém, como veremos, a relação entre pensamento e pensador pode ser independente, com o pensamento existindo por si só, o que ocasionará uma estranheza, reação comum naquilo que não se encaixa no conhecimento cotidiano.

E nossa tarefa ao longo desse artigo será trazer indagações, sem necessariamente oferecer respostas de forma direta. A nossa construção será através de provocações. Então, ao longo do texto trataremos perguntas que irão envolver o pensamento e o pensador.

Apenas a guisa de ilustração: é possível o pensamento existir independentemente do pensador? É possível que o pensador seja um mero intermediário do próprio pensamento, isto é, o pensamento apenas e tão somente usa o pensador para exteriorizar sua existência? Essas e outras indagações serão acompanhadas de apontamentos a partir dos ensinamentos de Gilles Deleuze.

Gilles Deleuze, filósofo francês, nasceu em Paris em 18 de janeiro de 1925 e morreu em 1995. Seu trabalho inclui toda uma interpretação de filósofos como Hume, Nietzsche, Bergson, Spinoza, Foucault, e de artistas como Proust, Kafka, Francis Bacon e Carmelo Bene. Deleuze publicou estudos sobre pensadores como Nietzsche, Kant e Spinoza. Entre suas obras principais estão *Nietzsche et la philosophie* (1962); *Proust et les signes* (1964); *Logique du sens* (1969); *Spinoza* (1970); *Foucault* (1986); e *Critique et clinique* (1993). Escreveu também dois livros sobre Cinema: *A Imagem Movimento e a Imagem Tempo*. Gilles Deleuze e Félix Guattari escreveram juntos, *O Anti-Édipo* (1972), *Kafka, Por uma literatura menor* (1975), *Mil Platôs* (1980) e *O que é a filosofia?* (1991). Com Claire Parnet escreveu o livro *Diálogos* (1977)<sup>1</sup>.

Sobre o tempo, Deleuze tem importantes trabalhos relacionados à literatura e ao cinema<sup>2</sup>. Aqui nos ateremos aos apontamentos do filósofo em relação ao pensamento e, evidentemente, outras

<sup>1</sup> Fonte: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/deleuze.htm>; <http://www.philosophica.info/voces/deleuze/Deleuze.html>; e <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/60-encontro-2008-1/Imagens%20de%20Pensamento%20em%20Gilles%20Deleuze.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Ao longo de seu percurso filosófico, podemos observar a importância que o filósofo francês Gilles Deleuze conferiu a alguns domínios exteriores à filosofia, tais como a literatura, a pintura e o cinema. Ao contrário do que se poderia pensar, esses trabalhos não se caracterizam por serem justificativas ou explicações filosóficas para questões observadas no campo artístico. Trata-se antes de saber quais as possíveis intercessões existentes entre esses domínios e a filosofia ou, mais especificamente, quais conceitos filosóficos podem ser criados e/ou suscitados a partir dos mesmos.

Ao realizar tais intercessões, Deleuze nos apresenta sua concepção de pensamento e subjetividade, concepção que se encontra profundamente correlacionada ao tempo e a certo devir-artístico do pensador. Apesar de já encontrarmos, na década de 1960, trabalhos importantes de Deleuze relacionando pensamento e literatura – é o caso de Proust e os signos (1964/2006) e Sacher-Masoch (1967/2009) – a questão é retomada na década de

questões como a imagem do pensamento, o movimento do pensamento e a imanência.

## 1 O que é o pensamento

A primeira indagação que se suscita é elementar: o que é o pensamento?

Pensamento. De pensar, do latim *pensare* (pensar, meditar, considerar), designa o fenômeno que se produz na mente da pessoa, em virtude do que se *apercebe* ou *cuida de alguma coisa*. É, assim, *o que vem a mente*, o que se produz no cérebro, o que a inteligência percebe, o que se medita ou o que se imagina.

Nesse sentido, pois, o pensamento é o *entendimento*, a *imaginação*, uma *atividade mental*, que pode ser causa de uma deliberação ou determinação. O pensamento, pois, enquanto não *manifestado* ou *expresso*, é *impenetrável*, pois que se oculta na intimidade indevassável do cérebro ou da mente.

Na manifestação ou na expressão é que os pensamentos se *revelam*, mostrando-se expressos ou manifestados, deliberações, determinações, intuítos, planos, projetos, ideias, vontades, etc. E essa manifestação é feita pela palavra escrita ou oral, ou, mesmo, por imagens (desenhos, pintura)<sup>3</sup>.

De início já podemos extrair alguns trechos da definição acima: “o que se produz na mente da pessoa”, “o que vem a mente”, “o que a inteligência percebe”<sup>4</sup>. Em todos esses casos o que nos parece é que o pensamento pode ser externo ao pensador, afinal, o pensamento pode estar ali apenas e tão somente não foi percebido pelo pensador<sup>5</sup>, o cérebro não processou etc. Contudo, o pensamento pode estar em movimento e não foi percebido pelo pensador em decorrência deste não ter os mecanismos para reconhecê-lo? O pensador ainda não possui uma capacidade cognitiva que lhe permita reconhecer aquele pensamento? Essas foram apenas as primeiras provocações, voltemos ao tema mais adiante.

---

1980, desta vez no âmbito da pintura e do cinema, atualizada em *Lógica da sensação* (1981/2007), *Imagem-movimento* (1983/1985) e *Imagem-tempo* (1985/1990). MANGUEIRA, Mauricio e MAURICIO, Eduardo. *Arte, Tempo e Subjetividade em Gilles Deleuze*. Revista Artefilosofia, Ouro Preto, n. 13, p.154-166, dezembro 2012.

<sup>3</sup> SILVA, De Plácido e. *Vocabulário Jurídico*. Atualizadores Nagib Slaibi Filho e Priscila Pereira Vasques Gomes. 29 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012, p. 1025.

<sup>4</sup> O filósofo, é verdade, procede com mais desinteresse: o que ele põe como universalmente reconhecido é somente o que significa pensar, ser e eu, quer dizer, não em geral. Esta forma, todavia, tem uma matéria, mas uma matéria pura, um elemento. Este elemento consiste somente na posição do pensamento como exercício natural de uma faculdade, no pressuposto de um pensamento natural, dotado para o verdadeiro, sob o duplo aspecto de uma *boa vontade do pensador* e de uma *natureza reta do pensamento*. É porque todo mundo pensa naturalmente que se presume que todo mundo saiba implicitamente o que quer dizer pensar. DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro; Graal, 1988, p. 218.

<sup>5</sup> Sobre o tema Deleuze relaciona o pensamento com o conhecimento em seu livro *Nietzsche e a filosofia*: Então Nietzsche censura ao conhecimento, não já o facto de ele se tornar a si próprio como um fim, mas o facto de fazer o pensamento um simples meio ao serviço da vida. [...] O instinto de conhecimento é, portanto, o pensamento, mas o pensamento na sua relação com as forças reactivas que dele se apoderam ou o conquistam. Porque são os mesmos limites que o conhecimento racional fixa à vida, mas também que a vida razoável fixa ao pensamento; é ao mesmo tempo que a vida é submetida ao conhecimento e que o pensamento é submetido à vida [...] a vida ultrapassa os limites que o conhecimento lhe fixa, mas o pensamento ultrapassa os limites que a vida lhe fixa. O pensamento deixa de ser uma *ratio*, a vida deixa de ser uma *reação*. O pensador exprime assim a bela afinidade do pensamento e da vida: a vida faz do pensamento qualquer coisa de activo, o pensamento faz da vida qualquer coisa de afirmativo. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução António M. Magalhães. Porto: RÉS, s.d., p. 151 a 153.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.7 – Nº.2	Novembro 2014	p. 248-265
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

Agora, ainda sobre o conceito pensamento, contribui Marilena Chauí:

Certa vez um grego disse: “O pensamento é o passeio da alma”. Com isso quis dizer que o pensamento é a maneira como nosso espírito parece sair de dentro de si mesmo e percorrer o mundo para conhecê-lo. Assim como o passeio levamos nosso corpo a toda parte, no pensamento levamos nossa alma a toda parte e mais longe do que o corpo, pois a alma não encontra obstáculos físicos para seu caminhar. O pensamento é essa curiosa atividade por meio da qual saímos de nós mesmos sem sairmos de nosso interior. Por isso, outro filósofo escreveu que pensar é maneira pela qual sair de si e entrar em si são uma só e mesma coisa. Como um voo sem sair do lugar<sup>6</sup>.

Assim podemos extrair o conceito de que o pensamento não é estanque e enseja e sugere um movimento. A autora trata em sair de si e voltar a si, logo, o pensador busca o autoconhecimento, vai procurar os elementos cognitivos para desenvolver em si o desenvolvimento de um pensamento, ou também, adere ao movimento do pensamento em busca de conhecer e interpretar. Gilles Deleuze, sobre o tema, defende a ideia de que o pensamento deve estar em movimento:

O pensamento reivindica “somente” o movimento que pode ser levado ao infinito. O que o pensamento reivindica de direito, o que ele seleciona, é o movimento infinito ou o movimento do infinito. É ele que constitui a imagem do pensamento<sup>7</sup>.

O pensador pode estar em constante movimento e em elevada velocidade acerca do pensamento e do ato de pensar sem, contudo, sair do lugar. O movimento não é algo exatamente físico ou motor, pode advir de outros elementos como emoções, sensações etc. E sobre o movimento uma nova indagação: quem está em movimento, o pensador ou o pensamento? Ou seria o pensamento em movimento e o pensador a lhe acompanhar?

Nesse diapasão, continuando com as provocações, quando se associa o pensamento ao pensador surge a dúvida sobre a autonomia de um e de outro, afinal é possível existir o pensamento independente do pensador?

De tal sorte que não causa estranheza se relacionar o pensamento com um autor<sup>8</sup>. Nesse esteio continuamos a indagar: em geral, quando se relaciona o pensamento com o pensador é

<sup>6</sup> CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 157.

<sup>7</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 47 e 48.

<sup>8</sup> Há ainda inofensivos observadores de si, que acreditam que há “certezas imediatas”, por exemplo, “eu penso”, ou, como era a superstição de Schopenhauer, “eu quero”, como “coisa em si” [...] O povo que acredite que conhecer é conhecer-final; o filósofo tem de dizer a si mesmo: se eu decompouso o processo que está expresso na proposição “eu penso”, obtenho uma série de afirmações temerárias, cuja fundamentação é difícil, talvez impossível -, por exemplo, que sou *eu* quem pensa, que em geral tem de haver algo que pensa, que pensar é uma atividade e efeito da parte de uma essência que é pensada como causa, que há um “eu”, e, enfim, que já está estabelecido firmemente o que se deve designar como pensar – que eu *sei* o que é pensar. Pois, se eu já não tivesse decidido sobre isso comigo mesmo, em que me basearia para distinguir se o que acaba de acontecer não é, talvez, “querer” ou “sentir”? Basta dizer que aquele “eu penso” pressupõe que eu *compare* meu estado no instante com outros estados que conheço em mim, para assim estabelecer o que ele é: dada essa remetência a um “saber” de outra procedência, ele não tem para mim, em todo caso, nenhuma certeza imediata. – Em lugar daquela “certeza imediata”, em que, no caso dado, o povo pode acreditar, o filósofo recebe nas mãos em série de questões da metafísica, bem propriamente questões de consciência do intelecto, que são: “De onde tiro o

imediatamente associável o pensamento com o ser pensante? É possível o ato de pensar fomentar a existência do pensamento? Como se o pensamento somente existe porque uma pessoa refletiu sobre algo, se assim o for, o pensamento aflorou do subconsciente? E insistimos: a figura da pessoa é indispensável para a existência do próprio pensamento?

Para tanto, ao analisar a questão podemos formular uma nova indagação a fim de buscar elementos para verificar se existe uma relação entre pensamento e pensador ou se estes podem existir autonomamente: O que é o pensar<sup>9</sup>? Sobre o tema, trazemos os ensinamentos de Gilles Deleuze:

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados. É o pensamento como arquivo. Além disso, pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja atos, tais como “incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável...”. É o pensamento como estratégia<sup>10</sup>.

Assim, o ato de pensar não pode ficar adstrito apenas ao que se vê e se conhece<sup>11</sup>, pois, é necessário estar aberto ao novo, ao não conhecido, a algo maior, que o próprio ser pode não ter consciência da existência. Pensar pode ser um ato simples se não se observar as consequências à amplitude do pensamento e ao exponencial de possibilidades com o simples ato de pensar.

De tal sorte que cabe ao pensador estar preparado e querer ver as demais possibilidades intrínsecas a esse pensar ou apenas e tão somente ver e refletir pontualmente, seja por não ter mecanismos para reconhecer o além ou por não querer fazê-lo. Quando se tem consciência de algo maior e da amplitude de possibilidade, a crise é inevitável e ao pensador cabe o papel de administrar as crises advindas do ato de pensar, a busca do novo, do que não é conhecido e de sua posição ante ao infinito horizonte do pensar.

---

conceito de pensar? Por que acredito em causa e efeito? O que me dá o direito de falar de um eu, e até mesmo de um eu como causa e, afinal, ainda de um eu como causa de pensamentos?” Quem, fazendo apelo a uma espécie de *intuição* do conhecimento, se aventura a responder prontamente a essas perguntas metafísicas, como faz aquele que diz: “Eu penso e sei que pelo menos isso é verdadeiro, efetivo, certo” – esse encontrará hoje, em um filósofo, um sorriso e dois pontos de interrogação. “Prezado senhor”, dar-lhe-á talvez a entender o filósofo, “é inverossímil que o senhor não esteja em erro: mas também, por que sempre verdade? NIETZSCHE, Friedrich. Para Além de Bem e Mal. In *Obras Incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 305 e 306.

<sup>9</sup> O pensamento está em afinidade com o verdadeiro, possui formalmente o verdadeiro e quer materialmente o verdadeiro. E é *sobre* esta imagem que cada um sabe, que se presume que cada um saiba o que significa pensar. DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro; Graal, 1988, p. 219.

<sup>10</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 123 e 124.

<sup>11</sup> A crítica de Proust toca no essencial: as verdades permanecem arbitrárias e abstratas enquanto se fundam na boa vontade de pensar. Apenas o convencional é explícito. Razão pela qual a filosofia, como a amizade, ignora as zonas obscuras em que são elaboradas as forças efetivas que agem sobre o pensamento, as determinações que nos forcem a pensar. Não basta uma boa vontade nem um método bem elaborado para ensinar a pensar, como não basta um amigo para nos aproximarmos do verdadeiro. Os espíritos só se comunicam no convencional; o espírito só engendra o possível. Às verdades da filosofia faltam a necessidade e a marca da necessidade. DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p. 94.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.7 – Nº.2	Novembro 2014	p. 248-265
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

Em toda a sua obra, Deleuze faz fulgurar o tema da imagem do pensamento<sup>12</sup> e as possibilidades para o exercício do pensar. A tarefa da filosofia, de toda a filosofia do porvir, deve ser aquela de colocar movimento no pensamento, retirá-lo de sua imobilidade, que nada mais é que romper os pressupostos da representação e diluir seus principais elementos. Pensar é garantir ao pensamento<sup>13</sup> sua possibilidade mais radical: criar conceitos<sup>14</sup>. Conceitos que possam, ancorados em um plano de imanência<sup>15</sup>, fazer alianças com o extrafilosófico e produzir uma violenta onda de forças<sup>16</sup> que nos faça pensar<sup>17</sup>. Nos próximos tópicos iremos aprofundar melhor essas ideias, na qual trataremos com mais profundidade a questão do plano de imanência e da relação deste com o movimento e com a imagem do pensamento.

## 2 O pensamento e o ato de pensar

Até o presente momento apresentamos o conceito de pensamento, a sua relação com uma ideia de movimento e lançamos várias indagações acerca do pensador com o pensamento. As indagações irão continuar e iremos desenvolver um pouco mais a relação: pensador, o ato de pensar e o pensamento.

Começemos com uma reflexão sintática gramatical: É possível se conjugar o verbo pensar sem que exista um sujeito?

Não é comum em uma frase se considerar um pensamento dissociado de seu sujeito, como em uma relação intrínseca, não há uma frase *pensou*, pois, logo se segue a questão: mas quem pensou?

<sup>12</sup> A imagem do pensamento é como que o pressuposto da filosofia, precede esta; desta vez não se trata de uma compreensão não filosófica, mas sim de uma compreensão pré-filosófica. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 17.

<sup>13</sup> Será que nós temos do pensamento a mesma imagem que teve Platão ou mesmo Descartes ou Kant? Será que a imagem não se transformou segundo coerções imperiosas, que sem dúvida exprimem determinismos externos, porém mais ainda um dever do pensamento? Será que ainda podemos pretender que buscamos o verdadeiro, nós que nos debatemos do não-sentido? É a imagem do pensamento que guia a criação dos conceitos. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 190.

<sup>14</sup> Criar conceitos é construir uma região do plano, juntar uma região às precedentes, explorar uma nova região, preencher a falta. O conceito é um composto, um consolidado de linhas, de curvas. Se os conceitos devem renovar-se constantemente, é justamente porque o plano de imanência se constrói por região, havendo uma construção local, de próximo em próximo. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 188.

<sup>15</sup> É o que se passa num plano de imanência: multiplicidades o povoam, singularidades se conectam, processos ou devires se desenvolvem, intensidades sobem ou descem. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 188.

<sup>16</sup> O homem sabe pensar, na medida em que tem a possibilidade disto, mas este possível não nos garante ainda que sejamos capazes disto; o pensamento só pensa coagido e forçado, em presença daquilo que “dá a pensar”, daquilo que existe para ser pensado – e o que existe para ser pensado é do mesmo modo o impensável ou o não-pensado, isto é, o *fato* perpétuo que “nós não pensamos ainda” (segundo a pura forma do tempo). É verdade que, no caminho que leva ao que existe para ser pensador, tudo parte da sensibilidade. Do intensivo ao pensamento, é sempre através de uma intensidade que o pensamento nos advém. DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro; Graal, 1988, p. 238 e 239.

<sup>17</sup> VASCONCELLOS, Jorge. *A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia*. Revista Educação Sociedade. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1217-1227, Set./Dez. 2005.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.7 – Nº.2	Novembro 2014	p. 248-265
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

Não é um fato autônomo e independente como, por exemplo, o ato de chover que independe de um sujeito.

O pensamento enseja uma personalidade, uma personificação que reivindica a sua autoria<sup>18</sup>. No entanto, nova reflexão exsurge: e se o sujeito não for o ser pensante, mas sim, um mero instrumento do próprio pensamento?

De acordo e em consonância com esse raciocínio gramatical é comum e compreensível se relacionar o pensamento e o ato de pensar com um sujeito, mas podemos considerar a hipótese de que o sujeito seja um mero intérprete do pensamento? E que, por conseguinte, o pensamento utilizou o corpo e o cérebro do sujeito como invólucro para estabelecer a sua concretude? O pensamento pode excluir o próprio ser pensante da equação<sup>19</sup>? Como afirma Nietzsche: Uma coisa sou eu, outra são meus escritos<sup>20</sup>.

Ainda nessa esteira, duas hipóteses: ou o pensamento não é dissociado do pensador ou existe uma ausência de capacidade, isto é de mecanismos, por parte dos demais indivíduos em reconhecer a existência do pensamento fora do pensador? E prosseguindo ainda mais na indagação da segunda possibilidade negando, portanto a primeira: há a possibilidade, portanto, se o pensamento existir independentemente do pensador, que este último figure como instrumento de reconhecimento do próprio pensamento, como um intérprete? E, com isso, possibilite que outros pensadores, que não possuem mecanismos para reconhecer a independência do pensamento possam, ao menos, reconhecer o pensamento através daquele pensador?

Vamos separar as coisas: para a primeira pergunta temos duas possibilidades: o pensamento é dissociado ou não do pensador. Assumindo que o pensamento é dissociado, então o pensador pode servir de intérprete para os demais indivíduos reconhecerem esse pensamento?

<sup>18</sup> A imagem dogmática do pensamento está completamente vinculada à idéia de vontade de verdade de Nietzsche. Já a nova imagem do pensamento tem como premissa o fato de que o verdadeiro não é mais elemento do pensamento, mas o sentido e o valor. Toda a crítica pós-estruturalista concentra-se em um conjunto de conceitos que tem origem em Nietzsche; um anti-essencialismo; um anti-realismo em termos de significado e de referência; um anti-fundacionalismo; a negação à idéia de transcendência; a sujeição a uma idéia de conhecimento como a representação exata da realidade e a rejeição de uma concepção de verdade que tem total correspondência com a realidade (PETERS, 2000: 51). Para Deleuze, os elementos da representação têm, como princípio geral o "Eu penso", garantindo a unidade de todas as faculdades. É uma sujeição ao idêntico, ao semelhante, ao análogo. CAMPOS, Luana Brant. *O cinema nas potências do falso – devir e hibridizações*. Revista Travessias. Disponível em: file:///C:/Explorer%20-%20Fotos/Zfotos/2861-10821-1-PB.pdf. Acesso em 28 de maio de 2014.

<sup>19</sup> "Isto quer dizer que o sujeito pensante perderia sua identidade através de um pensamento coerente que o excluiria a partir de si mesmo?... Qual é minha parte neste movimento circular em relação ao qual eu sou incoerente? Qual é minha parte em relação a este pensamento tão perfeitamente coerente que ele me exclui no próprio instante em que eu o penso?... Como ameaçaria ele a atualidade do eu, deste eu que, todavia, ele exalta? Liberando as flutuações que o significavam como eu, de tal modo que só o revolvido retine em seu presente... O *Circulus vitiosus* deus é apenas uma denominação deste signo que adquire aqui uma fisionomia divina a exemplo de Dioniso." Esquecimento e anamnese na experiência vivida do eterno retorno do Mesmo, em NIETZSCHE, Friedrich. *Cahiers de Royaumont*, Éditions de Minuit, 1966, p. 233-235.

<sup>20</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. In *Obras Incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 423.

De início tal visão pode causar estranheza, contudo, essa possibilidade é possível através do escritor. Este ao escrever reconhece um pensamento e o trabalha a fim de que os demais indivíduos possam reconhecê-lo. Da mesma forma o professor em relação aos alunos. É transmissão do conhecimento e do pensamento àqueles que não possuem os instrumentos adequados para percebê-los por si só.

E nesse processo, nessa relação pensamento-pensador, o primeiro pode atravessar o segundo ou ocupar sua mente e cérebro e, com isso, comprometer até a sua saúde? Senão vejamos através do mesmo exemplo dado anteriormente: Um escritor ao longo de seu processo de escrita pode deixar o pensamento fluir, tomar forma e contornos próprios; o que ocasionar ao escritor se tornar mero portador de algo maior, como que um intérprete ou um tradutor.

Sobre esse tema traremos nossa própria experiência: Em nosso processo de escrita, em muitas vezes, somos tomados pelo próprio pensamento. Com isso, o dormir, o trabalhar e o entretenimento se tornam secundário, uma vez que o pensamento invade todo o corpo e a mente tornando desagradável a vida enquanto o processo de escrita não se conclui. Assim, resulta em dores no corpo, mal estares, indisposições e dores de cabeça que se perpetuam até a conclusão da ideia proposta, com a conversão desta em texto.

Como se fossemos apenas e tão somente o portador do pensamento. É possível a guisa de ilustração se comparar esse processo de tradução do pensamento em palavras e, por conseguinte em um texto para os demais, com uma gravidez, pois, enquanto o livro, artigo, ensaio ou demais escritos não se concluem as dores vem e se apossam do corpo. Com o transcorrer dos dias e à medida em que a escrita evolui, o pensamento se desenvolve e o caminho aos poucos se sedimenta, toma forma, com momentos em que mais parece se desenvolver por conta própria<sup>21</sup>. Em algum, ou em vários momentos, se torna incomodo e, enquanto não é colocado para fora, com o texto concluso e o pensamento desenvolvido, ainda que não por completo, os desgastes ao corpo existem e se repetem.

Quando o processo se conclui e o texto está pronto o que se sente é um profundo alívio somado a um cansaço por toda a energia despendida ao longo do processo. Não queremos comparar o processo de escrever com uma gestação, porém a imagem pode ser bem ilustrativa para exemplificar o processo vivenciado pelo escritor.

Transcorrida a descrição do processo, avancemos um pouco mais nas indagações sobre o pensamento: Ao longo do caminho de criação e transformação/tradução do pensamento em palavras e, por conseguinte, em texto, o pensador tem algum controle sobre o surgimento de um pensamento em sua mente? E sobre o seu desenvolvimento?

Um pensamento pode surgir pelos mais variados motivos, seja por uma conversa, uma leitura, ou até um simples momento de ócio em que se observa uma cena através dos meios de comunicação

<sup>21</sup> Um livro é uma pequena engrenagem numa maquinaria exterior muito mais complexa. Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relações de corrente, contracorrente, de redemoinho com outros fluxos. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 17.

que ensejam um pensamento derivado do que se viu, apenas para exemplificar algumas das possibilidades.

Então, do momento em que o pensador tem contato com o pensamento, este pode se desenvolver autonomamente ou depende do pensador para tanto? De tal sorte que o pensador pode efetivamente pensar e refletir sobre o assunto ou o sujeito pode inconscientemente seguir pensando sobre algo sem necessariamente ter dedicado seu tempo àquilo ou sequer compreender a amplitude do seu significado. Neste caso, não se desconecta, o sujeito do pensamento. Assim, não é aparente a dissociação do pensamento como algo autônomo, pois, para aqueles que não reconhecem a existência do pensamento de forma autônoma do pensador, se coloca o pensamento como algo conhecido do próprio cotidiano das pessoas.

No entanto, o pensamento pode ter a existência em si mesmo, todavia, necessária será a presença de seu interprete, isto é, o pensador, para que o pensamento se exteriorize e seja conhecido pelos demais? Sobre o tema Nietzsche:

Ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe. Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido. Pensemos então em um caso extremo: que um livro fale de puras vivências que estão inteiramente fora da possibilidade de uma experiência frequente, ou mesmo apenas rara – que seja a *primeira* linguagem para uma nova série de experiências. Nesse caso simplesmente nada é ouvido, com a ilusão acústica de que, onde nada é ouvido, *também nada há...* Esta é, por último, minha experiência média, e, se se quiser, a *originalidade* de minha experiência<sup>22</sup>.

De tal sorte que o pensamento pode se apossar do indivíduo, pode acometer e comprometer a existência física do receptáculo, mas, não poderá existir por si só e ser identificado como tal pelos demais? Por conseguinte, dependerá do pensador para ser conhecido ou reconhecido? Tal qual um livro escrito com termos de difícil compreensão para os leigos no tema e sobre um assunto de não conhecimento ou domínio notório da maioria. Se o pensador apenas e tão somente transcreveu o pensamento que lhe invadiu sem que para isso ofereça elementos cognitivos aos demais leitores, é possível que o pensamento não seja reconhecido e compreendido pelos demais, portanto, o pensador que irá transmitir o pensamento de forma a ser reconhecido minimamente em seus signos por outras pessoas.

<sup>22</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. In *Obras Incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 424.

### 3 O pensamento e o pensador na visão de Gilles Deleuze

Até o presente momento nos ativemos ao conceito de pensamento e desdobramos a questão ao analisar o pensamento e o pensador, agora, iremos tratar da relação do pensamento com o pensador de acordo e em consonância com Gilles Deleuze<sup>23</sup>.

O que vamos buscar nas obras de Deleuze é a resposta para a nossa principal indagação: existe pensamento sem pensador. Para tanto, necessário será apresentar algumas passagens e trechos do pensador e de autores que analisaram sua obra, sobre o seu desenvolver sobre o tema para que possamos concluir, ou melhor, responder de forma adequada, na visão de Deleuze, a esta indagação e seus desdobramentos.

O pensamento é um dos grandes temas de filosofia analisados por Gilles Deleuze, sobre o tema Jorge Vasconcellos:

O grande tema da filosofia de Gilles Deleuze é o pensamento. O exercício do pensamento e a possibilidade de novas formas de expressão do pensar percorrem toda a sua obra. Desde seus textos monográficos até as obras derradeiras, Deleuze parece propor-nos duas questões: O que é o pensamento? Em que medida é possível dar ao pensamento novos meios de expressão?<sup>24</sup>.

Enrique Álvarez Asiáin defende a ideia que na obra de Gilles Deleuze o pensamento não pensa por si mesmo<sup>25</sup> e faz uma relação deste com o que ele denomina de imagem do pensamento:

Deleuze escribe en varias ocasiones a lo largo de su obra que el pensamiento nunca piensa por sí mismo<sup>26</sup>, sino que sólo produce a partir de un campo de posibilidades, campo al cual podemos referirnos para aproximarnos a eso que el propio Deleuze llama “imagen del pensamiento”. La imagen del pensamiento no es algo que se ofrezca explícitamente, ni puede deducirse de los conceptos de una filosofía. De supuesto tácito, responde más bien a un tipo de orientación del pensamiento que, difícilmente visible y enunciable, es sin embargo lo que hace visible y enunciable aquello por lo cual el pensamiento va a ser afectado en un momento determinado. A cada época, incluso a cada filosofía, correspondería una imagen propia del pensamiento, o así parecería, al menos, en principio, porque Deleuze también

<sup>23</sup> Não será escopo desse trabalho apresentar toda a conceituação de Deleuze acerca do pensamento, sua relação com o conceito e a filosofia, pois, somente este trabalho já ensejaria um espaço próprio. Aqui traremos fragmentos de seu pensamento a fim de corroborar com o que desenvolvemos até o presente momento sobre o pensamento, o movimento e a imagem do pensamento. Para tanto introduziremos a questão do plano de imanência, porém, sem tratar da questão dos conceitos e da relação com a filosofia.

<sup>24</sup> VASCONCELLOS, Jorge. *A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia*. Revista Educação Sociedade. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1217-1227, Set./Dez. 2005.

<sup>25</sup> O pensamento nunca pensa só e por si mesmo; do mesmo modo nunca é simplesmente inquietado por forças que lhe seriam estranhas. Pensar depende de forças que se apoderam do pensamento. Enquanto o nosso pensamento estiver ocupado por forças reactivas, é preciso reconhecer que ainda não pensamos. Pensar designa a actividade do pensamento; mas o pensamento tem as suas maneiras de ser inactivo, pode-se empenhar nisso todo e com todas as suas forças. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução António M. Magalhães. Porto: RÉS, s.d., p. 162.

<sup>26</sup> “Para un nietzscheano como Deleuze –advierte Mengue-, el pensamiento es inseparable del ser, y este ser es él mismo inseparable de la vida”. Siguiendo a Nietzsche, Deleuze sostiene que la vida es voluntad de poder, es decir, creación. Repite que la fuerza de la vida consiste en su poder para plantear, desarrollar, enfrentar y responder a los problemas. Disponível em:

<http://problematidela comunicacion.files.wordpress.com/2012/08/el-pensamiento-de-deleuze-1.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2014.

observa que, en el transcurso de la filosofía de occidente, una misma imagen viene dominando el discurso y el pensamiento: la imagen dogmática del pensamiento<sup>27</sup>.

Deleuze desenvolve, ainda, em outra passagem, agora com Félix Guattari que a *a imagem clássica do pensamento, a estriagem do espaço mental que ela opera, aspira à universalidade. Com efeito, ela opera com dois “universais”, o Todo como fundamento último do ser em ser para-nós*<sup>28</sup>.

Note que, de início, e em acordo com os apontamentos de Deleuze, se pode concluir que o pensamento não pensa por si só. Contudo, será que ao invés disso não é o intérprete, diga-se o pensador, que não está pronto para compreender o pensamento e, por isso não o reconhece<sup>29</sup>? A imagem do pensamento depende dos elementos cognoscíveis desenvolvidos em um dado espaço-tempo para ser reconhecida e, até mesmo conhecida?

Se o pensamento estivesse contido dentro do pensador, então como explicar o não reconhecimento de sua totalidade por parte do ser pensante? Por que um pensamento invade um pensador e este nem sabe a conclusão do tema proposto? Então, necessário será continuarmos a investigar na obra de Deleuze se há respostas para tais indagações.

Em Nietzsche e a filosofia Deleuze desenvolve a imagem dogmática do pensamento através de três teses essenciais:

1° É-nos dito que o pensador enquanto pensador quer e ama o *verdadeiro* (veracidade do pensador); que o pensamento como pensamento possui ou contém formalmente o verdadeiro (inatismo da ideia, a *priori* dos conceitos); que pensar é o exercício natural de uma faculdade, que basta, portanto, pensar (verdadeiramente) para pensar com verdade (natureza recta do pensamento, com senso universalmente partilhado); 2° É-nos dito também que somos desviados do verdadeiro, mas por forças estranhas ao pensamento (corpo, paixões, interesses sensíveis). Porque não somos apenas seres pensantes, caímos no erro, tomamos o falso pelo verdadeiro. *O erro*: tal seria o único efeito, no pensamento enquanto tal, das forças exteriores que se opõem ao pensamento; 3° É-nos dito finalmente que basta um *método* para bem pensar, para pensar verdadeiramente. O método é um artifício, mas pelo qual nos reunimos à natureza do pensamento<sup>30</sup>, aderimos a esta natureza e conjuramos o efeito de forças estranhas que o alteram e nos distraem<sup>31</sup>.

<sup>27</sup> ASIÁIN, Enrique Álvarez. *La imagen del pensamiento en Gilles Deleuze; Tensiones entre cine y filosofía*. Revista Observaciones Filosóficas. Disponível em: <http://www.observacionesfilosoficas.net/laimagendelpensamiento.html>. Acesso em 27 de maio de 2014.

<sup>28</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: editora 34, 2012, p. 51.

<sup>29</sup> O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas. Pensar é sempre interpretar, isto é, explicar, desenvolver, decifrar, traduzir um signo. Traduzir, decifrar, desenvolver são a forma da criação pura. DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p. 96.

<sup>30</sup> O mais curioso nesta imagem do pensamento, é a maneira pela qual o verdadeiro é concebido como um universal abstracto. Nunca se refere a forças reais que *constituem* o pensamento, nunca se referem o próprio pensamento às forças reais que ele supõe *enquanto pensamento*. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução António M. Magalhães. Porto: RÉS, s.d., p. 156.

<sup>31</sup> DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução António M. Magalhães. Porto: RÉS, s.d., p. 155 e 156.

Para Gilles Deleuze é necessário a busca pela verdade para se atingir ao pensamento verdadeiro e, que o homem é desviado de seu caminho através de outros elementos tidos como estranhos ao pensamento. O que o autor busca é a apresentar o reconhecimento da necessidade de conceitos, como veremos um pouco adiante. E, a fim de compreender o objetivo do autor, apresentemos mais elementos a fim de aprofundarmos um pouco mais a análise. Para tanto, Peter Pál Pelbart acerca da imagem do pensamento:

É em Nietzsche e a Filosofia que a expressão aparece pela primeira vez, para mostrar em que medida Nietzsche teria subvertido a imagem de pensamento dogmática. *Diferença e Repetição* dedica ao assunto o extenso capítulo III, intitulado “Imagem do Pensamento”, retomando e esmiuçando sua aplicação. A imagem do pensamento aparece aí como o pressuposto implícito do pensamento conceitual filosófico, como o conjunto dos postulados pré-filosóficos aos quais a filosofia obedece. [...] Com isso, teria compreendido, segundo Deleuze, uma luta contra a Imagem e seus postulados. Ou seja, um combate contra um modelo de pensamento, contra o modelo do que seja pensar, do que seja o pensador, do que deva ser o filósofo<sup>32</sup>.

O que se extrai é que o pensamento e sua compreensão não podem ser feitos através de modelos estanques de interpretação, pois, não há um modelo do que seja pensar, do que seja pensamento, não há como categorizar ou possibilitar uma interpretação estanque do pensamento. Gilles Deleuze explica e aprofunda o tema imagem do pensamento:

Suponho que existe uma imagem do pensamento que varia muito, que tem variado muito ao longo da história. Por imagem do pensamento não entendo o método, mas algo mais profundo, sempre pressuposto, um sistema de coordenadas, dinamicismos, orientações: o que significa pensar, e “orientar-se no pensamento”<sup>33</sup>.

Assim, é possível um indivíduo conceber o pensamento de forma equânime a outro? Duas pessoas não podem ter conclusões distintas sobre o mesmo pensamento? De tal sorte que ao se seguir um modelo estanque o resultado pode estar muito aquém do pretendido. Para que o pensador possa entender o pensamento, ou melhor, tenha elementos e mecanismos para traduzir esse pensamento necessário será que tenha consciência acerca da profundidade do próprio pensamento e que este não vem de dentro, mas sim de fora<sup>34</sup>. Gilles Deleuze em a lógica do sentido defende que as coordenadas do pensamento perpassam pela altura, a profundidade e a superfície, com isso uma nova indagação: o pensamento pode estar em tudo?

Se o pensador deseja compreender o pensamento ele deve estar consciente de sua amplitude, de sua grandeza, o que pode lhe causar crises ante a pequenez do ser humano e suas limitações. O ato

<sup>32</sup> PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 30.

<sup>33</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 189.

<sup>34</sup> O pensamento não vem de dentro, mas tampouco espera do mundo exterior a ocasião para acontecer. Ele vem desse Fora, e a ele retorna; o pensamento consiste em enfrentá-lo. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 141.

de pensar do pensador pode, portanto, lhe fazer conviver com crises, doenças, inquietudes acerca do próprio exercício do ato de pensar?

Gilles Deleuze acerca da lógica do pensamento afirma que este é o resultado de um conjunto de crises que o próprio pensamento atravessa no qual o equilíbrio e um sistema harmonioso não se coaduna com a realidade, visto que essas crises mais se assemelham a uma cadeia vulcânica e toda a instabilidade que a cerca<sup>35</sup>, afinal a lógica de um pensamento não é um sistema em equilíbrio<sup>36</sup>.

Gilles Deleuze parece querer desconstruir os métodos e conceitos tradicionais acerca do pensamento e do ato de pensar, contudo, a questão pertinente neste momento é: o filósofo deseja refutar os métodos existentes para, posteriormente, apresentar um método próprio, ou tem por finalidade negar a necessidade de um método para exercer o ato de pensar? Temos de avançar um pouco mais na análise para ter uma resposta.

Por hora, levantemos uma nova indagação acerca da necessidade/não necessidade do método: por que existem indivíduos que em estado normal não conseguem raciocinar sobre algo, porém, em seu sono, ao beber bebidas alcoólicas, parece que uma visão se abre e a solução surge? Será que não foi o próprio indivíduo que se libertou de suas amarras, de um método pré-estabelecido<sup>37</sup>, e se abriu ao novo e alcançou a resposta que tanto almejava? Gilles Deleuze relaciona esse tema ao plano de imanência que trataremos a seguir:

Precisamente porque o plano de imanência é pré-filosófico, e já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis. São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguez ou do excesso<sup>38</sup>.

É possível que o pensador ao seguir um modelo se limita e não consegue ver a amplitude do pensamento? É possível que o pensamento exista em diferentes níveis, como se tivesse camadas? Por esse caminho o que propõe Gilles Deleuze é o transitar por um método diferente ao convencional e, por conseguinte, seguir o que ele chamou de plano de imanência.

A visão que podemos ter do pensamento é uma visão em camadas, com diferentes níveis<sup>39</sup>, um crescente de dimensões que podem ou não se sobrepor, contudo, nenhuma está contida na outra. E

<sup>35</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 110.

<sup>36</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 122.

<sup>37</sup> *Imperium* e república. Entre um e outro, todos os gêneros do real e do verdadeiro encontram seu lugar num espaço mental estriado, do duplo ponto de vista do Ser e do Sujeito, sob a direção de um “método universal”. Desde logo, é fácil caracterizar o pensamento nômade que recusa uma tal imagem e procede de outra maneira. É que ele não recorre a um sujeito pensante universal, mas, ao contrário, desenrola-se num meio sem horizonte, como espaço liso, estepe, deserto ou mar. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: editora 34, 2012, p. 52.

<sup>38</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 52.

<sup>39</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 123.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.7 – Nº.2	Novembro 2014	p. 248-265
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

a relação do pensador com o pensamento não é tranquila, mas sim tempestuosa<sup>40</sup>, segundo a qual o ato de pensar fornece ao pensador uma gama de experimentações:

Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer. A história não é experimentação; é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa à história. Sem a história, a experimentação permaneceria indeterminada, incondicionada, mas a experimentação não é histórica, é filosófica<sup>41</sup>.

No entanto, para se liberar de métodos convencionais, se questiona: é possível se compreender o pensamento de forma livre? Ou sem um método ou um conjunto de conceitos<sup>42</sup> o que se verá será apenas parte do pensamento? Para se ter o pensamento em toda a sua amplitude os métodos convencionais de interpretação são suficientes?

Ao longo de suas obras, Gilles Deleuze relaciona a imagem do pensamento com o que ele denomina de plano de imanência e oferece uma nova forma de se orientar no ato de pensar, mas faz questão de enfatizar que não se trata de um novo método:

O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... Não é um método, pois todo método concerne eventualmente aos conceitos e supõe uma tal imagem. Não é nem mesmo um estado de conhecimento sobre o cérebro e seu funcionamento, já que o pensamento não é aqui remetido ao lento cérebro como ao estado de coisas cientificamente determinável em que ele se limita a efetuar-se, quaisquer que sejam seu uso e sua orientação<sup>43</sup>.

O plano de imanência não é um método pré-estabelecido acerca do pensamento ou do ato de pensar, mas sim, sim uma imagem do que significar pensar e do ato de pensar, mas isso implica em um método? Ademais, é possível não ter um método? A criação de conceito não passa pelo método? E assim, é possível esse a existência desse próprio método no plano de imanência a fim de compreender o pensamento?

<sup>40</sup> Há em Leibniz uma declaração esplêndida: “Depois de ter estabelecido estas coisas, eu pensava entrar no porto, mas quando me pus a meditar sobre a união da alma e do corpo, fui como que lançado de volta ao alto mar”. É justamente o que dá aos pensadores uma coerência superior, essa faculdade de partir a linha, de mudar a orientação, de se reencontrar em alto mar, portanto, de descobrir, de inventar. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 134.

<sup>41</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 136.

<sup>42</sup> É este o mundo da *representação* em geral. Dizíamos, anteriormente, que a representação se definia por certos elementos: a identidade no conceito, a oposição na determinação do conceito, a analogia no juízo, a semelhança no objeto. A identidade do conceito qualquer constitui a forma do Mesmo na reconhecimento. A determinação do conceito implica a comparação dos predicados possíveis com seus opostos, numa dupla série regressiva e progressiva, de um lado, pela lembrança e, de outro, por uma imaginação que tem o objetivo de reencontrar, recriar (reprodução memorial-imaginativa). A analogia incide sobre os mais elevados conceitos determináveis ou sobre as relações dos conceitos determinados com seu objeto respectivo e apela para a potência de repartição do juízo. Quanto ao objeto do conceito, em si mesmo ou em relação com outros objetos, ele remete à semelhança como ao requisito de uma continuidade na percepção. DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 228.

<sup>43</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 47.

Aprofundando um pouco mais o tema, Gilles Deleuze relaciona o plano de imanência, o pensamento e a questão do movimento:

O plano de imanência envolve movimentos infinitos que o percorrem e retornam<sup>44</sup>, mas os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos, que percorrem cada vez somente seus próprios componentes. O problema do pensamento é a velocidade infinita, mas esta precisa de um meio que se mova em si mesmo infinitamente, o plano, o vazio, o horizonte. É necessário a elasticidade do conceito, mas também a fluidez do meio. É necessário os dois para compor “os seres lentos” que nós somos<sup>45</sup>.

Temos aqui a relação de conceito com velocidade, movimento e o pensamento, o que podemos concluir com a demonstração de um método<sup>46</sup> proposto por Gilles Deleuze para que se possa analisar o pensamento, isto é, o filósofo refutou os métodos anteriores a fim de demonstrar o seu próprio método de análise e compreensão do pensamento. Sobre o tema Regina Schopke: “Eles [...] não deixam margem para dúvida: a filosofia não é uma simples arte de inventar, de produzir os conceitos, ela é uma disciplina rigorosa, que tem como função primordial a criação de novos conceitos”<sup>47</sup>.

E a autora faz a relação com o plano de imanência<sup>48</sup>:

Com relação ao plano de imanência, pode-se dizer que este é o lugar em que os conceitos se distribuem sem romper-lhe a integridade, a sua continuidade. Como se fosse um deserto em que os conceitos povoam e é ele que dá o suporte para os conceitos. Cabe agora se perguntar o que exatamente é um conceito?<sup>49</sup> O que significa criar conceitos?<sup>50</sup> Qual a função do conceito?<sup>51</sup> Qual o lugar do conceito no plano de imanência?<sup>52</sup> Qual a relação entre conceito e plano de imanência?<sup>53</sup>

<sup>44</sup> O movimento do infinito não remete a coordenadas espaçotemporais, que definiriam as posições sucessivas de um móvel e os pontos fixos de referência, com relação aos quais estas variam. “Orientar-se no pensamento” não implica nem num ponto de referência objetivo, nem num móvel que se experimentasse como sujeito e que, por isso, desejaria o infinito ou teria necessidade dele. O movimento tomou tudo, e não há lugar nenhum para um sujeito e um objeto que não podem ser senão conceitos. O que está em movimento é o próprio horizonte: o horizonte relativo se distancia quando o sujeito avança, mas o horizonte absoluto, nós estamos nele sempre e já, no plano de imanência. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 48.

<sup>45</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 45 e 46.

<sup>46</sup> Um “método” é o espaço estriado da *cogitatio universalis*, e traça um caminho que deve ser seguido de um ponto a outro. Mas a forma de exterioridade situa o pensamento num espaço liso que ele deve ocupar sem poder medi-lo, e para o qual não há método possível, reprodução concebível, mas somente revezamentos, *intermezzi*, relances. DELEUZE, Gilles & GAUTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: editora 34, 2012, p. 49.

<sup>47</sup> SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença*: Gilles Deleuze, o pensamento nômade. São Paulo: Edusp, 2004, p. 131.

<sup>48</sup> SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença*: Gilles Deleuze, o pensamento nômade. São Paulo: Edusp, 2004, p. 131.

<sup>49</sup> Todo conceito tem componentes, e se define por eles. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um componente só: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia “começa”, possui vários componentes. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 23.

<sup>50</sup> Com efeito, todo conceito, tendo um número finito de componentes, bifurcará sobre outros conceitos, compostos de outra maneira, mas que constituem outras regiões de outro plano, que respondem a problemas conectáveis, participam de uma co-criação. Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja

Bento Prado Jr. explica a questão da imanência segundo Gilles Deleuze:

Ainda que chegue a definir o plano como diagrama, Deleuze o definira, previamente, ao mesmo tempo como *horizonte* e como *solo*<sup>54</sup>. Isto é, o plano de imanência é essencialmente um *campo* onde se produzem, circulam e se entrecrocavam os conceitos<sup>55</sup>. Ele é sucessivamente definido como uma atmosfera (quase como o *englobante* de Jaspers, que mais tarde Deleuze vai recusar), como informe e fractal, como horizonte e reservatório, como um meio indivisível ou impartilhável. Todos esse traços do plano de imanência, somados, parecem fazer da filosofia de Deleuze uma “filosofia de campo”<sup>56</sup>.

E prossegue com a defesa de que o plano de imanência não pode existir sem os conceitos, como afirma seria “cego” e no limite, o caos e, ao mesmo tempo, o conceito extraído do plano de imanência seria vazio<sup>57</sup>.

E a fim de concluir a importância do plano de imanência Gilles Deleuze faz novas considerações<sup>58</sup>:

O plano de imanência é ao mesmo tempo o que deve ser pensado e o que não pode ser pensado. Ele seria o não-pensado e o que não pode ser pensado. Ele seria o não-pensado no pensamento. É a base de todos os planos, imanente a cada plano pensável que não chega a pensá-lo. É o mais íntimo no pensamento, e todavia o fora absoluto. Um fora mais longínquo que todo mundo exterior, porque ele é um dentro

---

ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 26.

<sup>51</sup> Todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução: estamos aqui diante de um problema concernente à pluralidade dos sujeitos, sua relação, sua apresentação recíproca. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 24.

<sup>52</sup> Um conceito possui um *dever* que concerne, desta vez, a sua relação com conceitos situados no mesmo plano. Aqui, os conceitos se acomodam uns aos outros, superpõem-se uns aos outros, coordenam seus contornos, compõem seus respectivos problemas, pertencem à mesma filosofia, mesmo se têm histórias diferentes. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 26.

<sup>53</sup> Os conceitos e o plano são estritamente correlativos, mas nem por isso devem ser confundidos. O plano de imanência não é um conceito, nem o conceito de todos os conceitos. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 45.

<sup>54</sup> Os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais: não o horizonte relativo que funciona como um limite. Muda com um observador e engloba estados de coisas observáveis, mas o horizonte absoluto, independente de todo o observador, e que torna o acontecimento como conceito independente de um estado de coisas visível em que ele se efetuará. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 46.

<sup>55</sup> Criar conceitos é construir uma região do plano, juntar uma região às precedentes, explorar uma nova região, preencher a falta. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 188.

<sup>56</sup> PRADO JR., Bento. A idéia do plano de imanência. IN ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 308.

<sup>57</sup> PRADO JR., Bento. A idéia do plano de imanência. IN ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 309.

<sup>58</sup> A ida-e-volta incessante do plano, o movimento infinito. Talvez seja o gesto supremo da filosofia: não tanto pensar o plano de imanência, mas mostrar que ele está lá, não pensado em cada plano. O pensar desta maneira, como o fora e o dentro do pensamento, o fora não exterior ou o dentro não interior. O que não pode ser pensado uma vez, como o Cristo encarnou-se uma vez, para mostrar desta vez a possibilidade do impossível. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 73.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.7 – Nº.2	Novembro 2014	p. 248-265
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------

mais profundo que todo mundo interior: é a imanência, “a intimidade como Fora, o exterior tornado intrusão que sufoca e a inversão de um e de outro”<sup>59</sup>.

A exposição de Gilles Deleuze acerca do plano de imanência, dos conceitos e do pensamento é muito maior e mais ampla do que trouxemos, todavia, o nosso objetivo foi apresentar como que os desdobramentos acerca do pensamento se multiplicam. Não é nosso escopo ter uma resposta definitiva ao tema proposto, ao contrário, oferecemos um caminho a partir dos ensinamentos de Gilles Deleuze.

No entanto, ainda a título de provocação voltamos ao que propomos no começo desse artigo: o que é o pensamento? O pensamento existe sem o pensador? O pensador pode ser considerado como o intérprete do ato de pensar e do próprio pensamento?

### Conclusão

O objetivo deste artigo não foi concluir se o pensamento e o pensador são autônomos entre si, mas sim, levantar indagações sucessivas sobre a relação entre o pensamento e o pensador. Para tanto apresentamos ensinamentos de alguns filósofos e nos ativemos especialmente a Gilles Deleuze.

Para o filósofo francês o pensamento não existe sem o pensador. E, para tanto, constrói todo um conjunto de elementos para poder justificar que o que existe fora do sujeito não é o pensamento, mas sim o que ele chamou de plano de imanência, que existe independentemente do ato de pensar do indivíduo.

Assim, Gilles Deleuze nos trouxe um novo caminho com a inserção do plano de imanência e da imagem do pensamento. E, portanto, com base em tudo que foi demonstrado podemos concluir que o pensamento é uma distribuição organizada que extrapola o sujeito. Um desenvolvimento um pouco variado do que defende o filósofo. Para ele, o conceito se desenvolve no plano de imanência que pode ser entendido como o campo fértil onde os conceitos se desenvolvem e proliferam. E que o plano sem o conceito, como afirmou Bento do Prado Jr., é cego e o conceito sem o plano é o caos.

Toda esta construção foi desenvolvida a fim de justificar um caminho lógico para a relação do pensamento com o pensador e a não presença do primeiro fora do segundo. No entanto, a nossa conclusão não vai ao encontro das conclusões do filósofo francês, porque para nós o pensamento ainda pode ser autônomo e independente do sujeito, mas depende deste para ser reconhecido, o pensamento ao existir sem o pensador se torna não conhecido, ou melhor, reconhecido, que somente poderá ser acessível pelas demais pessoas quando for traduzido ou interpretado por alguém.

Não somos donos do pensamento, este é uma força que nos atravessa e nos arrasta para outro lugar quer estejamos prontos, quer não. É o arrastar para fora de si, o que não se confunde com a

<sup>59</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 73.

expressão do próprio sujeito, portanto, podemos concluir que o pensamento é anterior ao próprio sujeito.

E, por fim, a relação entre o pensamento e o pensador pode, pretensiosamente ao nosso ver ser equiparada à relação de Gilles Deleuze entre o plano de imanência com os conceitos, apresentada por Bento do Prado Jr.: o pensamento sem o pensador existe, porém, se torna cego, ao mesmo tempo, o pensador sem o pensamento se torna vazio.

E vamos terminar da forma que começamos, indagando: Afinal, temos ferramentas suficientes para compreender, de fato, o que vem a ser pensamento, como que este se origina e qual a relação do pensador com o ato de pensar e com o próprio pensamento?

## Referências

- ASIÁIN, Enrique Álvarez. *La imagen del pensamiento en Gilles Deleuze; Tensiones entre cine y filosofía*. Revista Observaciones Filosóficas. Disponível em: <http://www.observacionesfilosoficas.net/laimagendelpensamiento.html>. Acesso em 27 de maio de 2014.
- CAMPOS, Luana Brant. *O cinema nas potências do falso – devir e hibridizações*. Revista Travessias. Disponível em: <file:///C:/Explorer%20-%20Fotos/Zfotos/2861-10821-1-PB.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2014.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro; Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução António M. Magalhães. Porto: RÉS, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013.
- MANGUEIRA, Mauricio e MAURICIO, Eduardo. **Arte, Tempo e Subjetividade em Gilles Deleuze**. Revista Artefilosofia, Ouro Preto, n. 13, p.154-166, dezembro 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Cahiers de Royaumont*, Éditions de Minuit, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Ecce Homo*. In *Obras Incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Para Além de Bem e Mal*. In *Obras Incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- PRADO JR., Bento. A idéia do plano de imanência. IN ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2004.
- SILVA, De Plácido e. *Vocabulário Jurídico*. Atualizadores Nagib Slaibi Filho e Priscila Pereira Vasques Gomes. 29 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- VASCONCELLOS, Jorge. *A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia*. Revista Educação Sociedade. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1217-1227, Set./Dez. 2005.

Recebido em: 03/06/2014

Publicação em: 06/10/2014

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.7 – Nº.2	Novembro 2014	p. 248-265
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	------------